

Toxicodpendência e Emoções: um estudo comparativo entre toxicodpendentes e não toxicodpendentes

Cristina Queirós

RESUMO: Tomando como ponto de partida a teoria do sujeito autopoietico desenvolvida por Agra e aplicada à toxicodpendência, é enfatizada a importância das emoções no estudo deste fenómeno. Baseando-se na avaliação das onze emoções primárias definidas por Tomkins e Izard é descrita uma experiência efectuada com 42 sujeitos não toxicodpendentes e 42 toxicodpendentes, desencadeando emoções através da apresentação de um filme de conteúdo agradável, de um filme de conteúdo desagradável e de um filme com cenas de preparação e consumo de droga.

Os resultados demonstram que apesar dos toxicodpendentes experienciarem as mesmas emoções que os não toxicodpendentes durante os filmes agradável e desagradável, apresentam maior intensidade de resposta nas emoções negativas. Durante o filme sobre droga os toxicodpendentes experienciam significativamente menor interesse e surpresa, e maior vergonha e culpa.

RÉSUMÉ: Ayant comme point de départ la théorie de l'individu autopoietique développée par Agra et appliquée à la toxicomanie, on souligne le rôle des émotions dans l'étude de ce phénomène. Basé sur l'évaluation des onze émotions primaires définies par Tomkins et Izard on décrit une expérience effectuée chez 42 non toxicomanes et 42 toxicomanes, en déclenchant des émotions au moyen de la présentation d'un film de contenu agréable, d'un autre de contenu désagréable et d'un troisième avec des scènes de préparation et de consommation de drogue.

Les résultats démontrent que malgré les toxicomanes éprouvent les mêmes émotions que les non toxicomanes pendant les films agréable et désagréable, ils présentent une plus grande intensité de réponse dans les émotions négatives. Pendant le film sur la drogue, les toxicomanes éprouvent beaucoup moins d'intérêt et de surprise et plus beaucoup plus de honte et de culpabilité.

ABSTRACT: Based on self-poietic subject theory developed by Agra and applied to addiction, we emphasize emotions role in the study of this phenomenon. Based on the evaluation of the 11 primary emotions defined by Tomkins and Izard we describe an experience accomplished on 42 subjects non drug-addicts and 42 drug-addicts, unchaining emotions by the presentation of an agreeable contents film, of another one with disagreeable contents and of a third one with drugs preparation and consumption scenes.

The results show that in spite of drug-addicts and non drug-addicts feel the same emotions when visioning agreeable and disagreeable films, the first ones present a major answer intensity in the negative emotions. During the film about drugs the drug-addicts feel significantly minor interest and surprise and major shame and guilt.

Palavras-Chave : Toxicodpendência, Emoções, Filmes

Introdução

Ao abordar-se o fenómeno da toxicodpendência, é frequente encontrar a referência à procura de estados de consciência alterada (Adlaf, 1986; Escohotado, 1989; Agra, 1993), sendo as emoções implícita ou explicita-

mente referidas a propósito desta alteração da consciência. Do ponto de vista implícito é frequente a ideia de que a alteração da consciência afecta a percepção dos estímulos modificando o significado afectivo destes (Adlaf, 1986; Almeida, 1996), bem como a ideia de que a droga desinibe o sujeito, transformando-o num ser violento e

insensível (Miller & Potter-Efron, 1989; Cooke, Baldwin & Howison, 1990) ou descontrolado em termos afectivo-emocionais (Tomkins, 1980).

Do ponto de vista explícito encontramos exemplos como a alegria na comunhão e comunicação com os deuses (Escohorado, 1989), a procura de felicidade e prazer (Smith, Koob & Witz, 1985) o esquecimento da angústia existencial (Escohorado, 1989) ou a surpresa da rapidez com que ficam dependentes de uma substância (Almeida, 1996).

No entanto, no estudo da toxicodependência as emoções são pouco utilizadas, sendo por vezes referidas a propósito do estado de humor ou da psicopatologia do toxicodependente, mas raramente discriminando emoções específicas sentidas pelo sujeito. Destacam-se contudo alguns estudos que, centrando-se no sentir do toxicodependente, demonstram que este experiencia mais frequentemente emoções negativas (Lubin & Turnbull, 1993), que o consumo de drogas está associado ao evitar e anular de emoções negativas (Pervin, 1988; Cannon & al., 1992) ou à procura de emoções positivas (Pervin, 1988; Wills & al., 1992) e que tem mais dificuldade em reconhecer em si ou nos outros emoções (Schreiber, 1992), bem como expressar e partilhar emoções (Lacks & Leonard, 1986).

Tentando contribuir para a caracterização do sentir do toxicodependente, foi efectuado um estudo baseado na teoria do "sujeito autopoietico" (Agra, 1990) aplicada à toxicodependência (Agra, 1991). Com base nesta teoria o sujeito psicológico seria constituído por três sistemas (sistema da personalidade, sistema etoético e sistema de significação) em complexa interacção e cuja principal função seria a autopoiese.

A personalidade (Agra, 1986a, 1990) seria um sistema complexo e auto-organizador constituído por sete estratos (do inferior para o superior, estrato neuropsicológico, psicossensorial, expressivo, afectivo, cognitivo, experiencial e político), organizados segundo uma estrutura hierárquica e integradora. Nesta perspectiva a toxicodependência pode ser vista como o grande codificador/descodificador do sistema da personalidade, dando-lhe um sentido até aí inexistente ou rejeitado (Agra, 1982a, 1982b, 1986a), sendo também possível ver como este sistema funciona numa hierarquia invertida, já que o estrato neuropsicológico determina todos os outros (Agra, 1991, 1993).

O sistema etoético (Agra, 1990) seria constituído por

cinco estratos (do inferior até ao superior, acto psicobiológico, acto simbólico-expressivo, acto afectivo, acto cognitivo e acto crítico), também organizados numa estrutura hierárquica e auto-organizadora, que traduz o progressivo distanciamento do sujeito sobre o seu acto, e que é capaz de criar ordem a partir da desordem. Nesta perspectiva, o acto do toxicodependente traduziria a lógica da sociedade actual, colocando o consumo como o objectivo fundamental das suas acções (Agra, 1991).

O sistema de significação resultaria de uma interacção produtiva entre personalidade e acção (Agra, 1990), pois o sistema da personalidade enquanto estrutura constitui a matriz de produção do sistema etoético, definindo as condições de possibilidade deste, enquanto o sistema etoético constitui o processo de materialização do sistema de personalidade definindo as condições da sua operacionalidade. A autopoiese seria traduzida no modo como o sujeito efectua a articulação entre estes três sistemas, sendo visível no destino que o sujeito dá ao seu destino, ou seja, no modo como o sujeito é construtor de si mesmo e se torna num ser autopoietico.

Considerando então o sujeito como um sistema auto-organizador ou autopoietico, constituído por uma forma (personalidade), por um conteúdo (sistema etoético) e por um significado (sistema de significação), a toxicodependência pode ser interpretada como um esforço de autocriação ética com um significado existencial e social (Agra, 1990, 1991, 1993, 1995a e 1995b).

Neste modelo as emoções são referidas quer no sistema da personalidade (através do estrato afectivo), quer no sistema etoético (através do acto afectivo), podendo também ser consideradas no sistema de significação do comportamento, pois constituem uma das maiores determinantes da motivação e da interpretação do comportamento (Karli, 1990; Damásio, 1995). Além disso, podem também ser consideradas numa perspectiva sistémica (Schwartz, 1986; Izard, 1993), inserindo-se no actual paradigma científico (paradigma sistémico, comunicacional informacional, Agra, 1986b). Por fim, parecem desempenhar também um papel importante na toxicodependência (Almeida, 1996), pois o conhecimento adquirido sobre os mediadores neuroquímicos das emoções (sobretudo sobre as substâncias opiáceas endógenas) e sobre o efeito das drogas opiáceas, sugere que ambas atenuam o carácter aversivo de muitos estímulos,

desempenhando um papel importante nos mecanismos subjacentes às trocas afectivas entre o sujeito e o meio e às interacções entre estados afectivos e processos cognitivos. Por estas razões, as emoções podem ser consideradas um bom objecto no estudo da toxicodependência.

Considerando o conceito de emoção, verifica-se que existem inúmeras definições, e apesar destas variarem consoante os enquadramentos teóricos (Strongman, 1987), todas remetem para manifestações da emoção a nível neurofisiológico, comportamental e experiencial. Entre as várias teorias existentes, a teoria diferencial das emoções elaborada por Tomkins e Izard (Izard & Buechler, 1980; Izard, 1991, 1993) foi escolhida como referencial teórico do presente estudo sobre as emoções do toxicodependente, pois defende a existência dos três níveis de manifestações da emoção numa perspectiva sistémica, considerando a emoção como um dos sistemas mais importantes na organização da personalidade e na motivação do comportamento. Descrevendo este como o resultado da interacção de seis sistemas corporais (homeostático, pulsional, afectivo, perceptivo, cognitivo e motor), refere que as emoções desempenham um papel fundamental, pois ampliando os sinais dados pelas pulsões alertariam o sujeito para o perigo de défices fisiológicos (ex: fome ou cansaço), e na ausência desses sinais reagiriam ao ritmo, persistência e complexidade da informação que o organismo constantemente processa, respondendo aos estímulos exteriores. Considera que o sistema afectivo estaria então na base das cognições, decisões e acções, tendo como função dar significado ao comportamento, e sendo traduzido em onze emoções primárias (interesse, alegria, surpresa, cólera, angústia, nojo, desprezo, medo, vergonha, tristeza e culpa), que seriam inatas e semelhantes em diferentes culturas, apesar de terem uma tradução neurofisiológica, comportamental e experiencial específica. Para o estudo experimental das emoções Tomkins e Izard propõem (Izard, 1991) a avaliação de cada uma destas emoções através de um questionário (Differential Emotion Scale), utilizando como desencadeador de emoções a evocação de acontecimentos do passado ou a apresentação de pequenos filmes.

Efectuando uma breve revisão da literatura, os filmes aparecem como um dos melhores desencadeadores de emoções, sendo o método mais utilizado (Hesse & al., 1992; Gerrards-Hesse & al., 1994) pela sua possibilidade

de controle e pela sua semelhança com a realidade (Hettema, 1994). Qualquer que seja o objectivo do estudo, os conteúdos mais utilizados nos filmes são definidos como positivo/agradável (cenas cómicas, divertidas ou desencadeadoras de riso) ou negativo/desagradável (cenas aversivas, angustiantes, de terror ou desencadeadoras de choro), sendo frequentemente extraídos de filmes do circuito comercial (Hubert & Jong-Meyer, 1991, 1993). Contudo, no estudo da resposta emocional do toxicodependente são por vezes utilizados filmes com cenas de consumo de droga (Sherman & al., 1989; Legarda, Bradley & Sartory, 1990).

Tendo então como objecto as emoções primárias definidas por Tomkins e Izard e inserindo-as no modelo do sujeito autopoietico de Agra, foi preparado um desenho experimental que permitisse identificar as emoções sentidas pelo toxicodependente durante a apresentação de filmes com diferente conteúdo. Foram considerados os conteúdos agradável, desagradável e droga. Tendo em consideração que o modelo do sujeito autopoietico aplicado à toxicodependência permite ver a droga como um esforço de autocriação com significado existencial e social, o filme sobre droga foi considerado como uma situação significativa para o sujeito toxicodependente, enquanto os filmes agradável e desagradável foram considerados como uma situação não significativa. Atendendo aos estudos já referidos e ao modelo do sujeito autopoietico, foi formulada a hipótese do sujeito toxicodependente apresentar uma resposta emocional diferente do sujeito não toxicodependente, reflectindo esta uma diferente auto-organização dos seus estratos de personalidade.

Metodologia

Sujeitos: Foram utilizados dois grupos de sujeitos, todos do sexo masculino, sem psicopatologia associada nem perturbações de alcoolismo. Todos os sujeitos aceitaram voluntariamente participar na experiência, fornecendo também os dados pessoais solicitados.

O grupo de controle foi constituído por 42 sujeitos não toxicodependentes, cujas idades variavam entre 18 e 59 anos (média=24.143, desvio padrão=10.533), sendo todos estudantes do ensino superior da Universidade do Porto. A recolha de dados foi efectuada na F.P.C.E.U.P. O grupo experimental foi constituído por 42 toxicode-

pendentes de heroína em fase de desintoxicação (com um consumo médio de 5.5 anos, variando entre 2.5 e 10 anos), cujas idades variavam entre 19 e 45 anos (média=27.048, desvio padrão=5.675), e com habilitações entre o 9º ano e a Licenciatura. A recolha de dados foi efectuada em clínicas particulares de desintoxicação e centros estatais de atendimento a toxicodependentes situados na cidade do Porto.

Estímulos: Foram utilizados filmes de conteúdo agradável, desagradável e droga, cada um com duração de 5 minutos e extraídos de películas do circuito comercial. O conteúdo dos filmes agradável e desagradável foi definido a partir dos trabalhos de Hubert e Jong-Meyer. Para o filme agradável utilizámos cenas cómicas sem diálogo, extraídas da película "Gente Gira é outra coisa" (1990, de Y. Barkan e I. Shilon). Para o filme desagradável utilizámos cenas extraídas das películas "Os Salteadores da Arca Perdida" (1981, de S. Spielberg), "Indiana Jones e o Templo Perdido" (1984, de S. Spielberg), "A Guerra do Fogo" (1981, de J. J. Annaud) e "Predador" (1987, de J. McTiernan), apresentando ataques de cobras e lobos, insectos e aranhas em cima do corpo humano e cadáveres esfolados e ensanguentados. Os dois filmes foram previamente avaliados por 64 estudantes, que os classificaram numa escala de 1 a 5, em que o valor 1 foi associado ao adjectivo desagradável e o valor 5 ao adjectivo agradável. Foi encontrada para o filme agradável uma média de 4.500 e para o filme desagradável uma média de 1.609, diferenças altamente significativas [$F(1,126)=486.611$, $P=0.000$], que confirmaram a designação dada a cada um dos filmes. O filme droga foi definido a partir dos trabalhos de Sherman e col. (1989) e de Legarda, Bradley e Sartory (1990), consistindo em cenas de consumo e preparação de droga, sem diálogo e extraídas do filme "Christiane F." (1980, de U. Edel). Cada conjunto de cenas pertencentes a um conteúdo foi gravado sem intervalos e numa cassete vídeo diferente para facilitar a manipulação de acordo com a ordem de apresentação.

Material: A apresentação dos estímulos visuais foi efectuada num televisor com écran policromático, situado em frente ao sujeito e distando deste 1,5 metros. Os

estímulos foram gravados em três cassetes vídeo (um para cada um dos conteúdos: agradável, desagradável e droga), sendo controlados através de um videogravador manipulado fora do campo de visão do sujeito. A recolha de dados foi efectuada através da Escala das Emoções, Sensações e Cognições – EESC96, construída no âmbito de um outro estudo (projecto de Doutoramento a decorrer na F.P.C.E.U.P., sob orientação de C. Agra e co-orientação de J. Marques Teixeira). Esta escala corresponde a uma versão modificada da Differential Emotion Scale desenvolvida por Izard, avaliando as onze emoções primárias numa escala de intensidade que varia entre zero e cinco, apresentando para cada emoção três termos sinónimos, escolhidos através de análises anteriores pela sua compreensão e relação com cada emoção. Como a análise das sensações corporais e cognições sai fora do âmbito deste artigo, irão ser referidas apenas as emoções.

Procedimento: Depois do sujeito entrar no local onde iria decorrer a recolha de dados, era efectuada uma pequena entrevista para recolher dados pessoais, apresentando-se em seguida as instruções dadas pelo experimentador e baseadas no seguinte texto: "Vão-lhe ser apresentados no televisor três filmes, um de cada vez e com um breve intervalo entre cada um. Durante a apresentação dos filmes deve olhar sempre para o écran e não desviar os olhos deste. Depois de terminado o primeiro filme vai-lhe ser entregue um questionário para preencher, anónimo e confidencial, não havendo respostas certas nem respostas erradas, e devendo as respostas escolhidas ser marcadas com uma cruz. Se tiver dúvidas em qualquer uma das questões deve perguntar e pode demorar o tempo todo que for preciso. Quando acabar de preencher o questionário é-lhe apresentado o segundo filme, seguido de novo questionário e assim sucessivamente até ao terceiro e último filme". Depois de dadas as instruções e esclarecidas as dúvidas que o sujeito tivesse apresentado era iniciada a apresentação do primeiro filme, em seguida era preenchida a escala, depois era apresentado o segundo filme, preenchida de novo a escala, com um procedimento igual ao do filme anterior e assim sucessivamente até ao terceiro filme. A ordem de apresentação dos três filmes foi controlada.

Análise e transformação dos dados: Os dados foram codificados no programa DBase III Plus, indicando para cada sujeito o valor (de zero a cinco) sentido em cada uma das onze emoções e dos três filmes. Em seguida foi efectuada uma análise de variância no programa SPSS PC+, considerando como variáveis independentes o grupo de sujeitos (controle ou experimental) e o conteúdo do filme (agradável, desagradável ou droga), e como variável dependente o valor apresentado para cada emoção.

Apresentação e discussão dos resultados

Foram efectuadas análises separadas para as emoções, considerando separadamente cada um dos filmes, visto estes funcionarem como contexto desencadeador de respostas específicas.

Considerando o filme de conteúdo agradável, efectuando uma análise de multivariância do tipo 2x11 (grupo x emoções) foi encontrado um efeito não significativo para o grupo ($F=1.730$ $P=0.084$), não sendo encontradas dife-

renças significativas entre os grupos para nenhuma das emoções (Quadro 1).

Considerando separadamente cada emoção (Figura 1) o filme agradável desencadeia sobretudo as emoções interesse, alegria e surpresa, embora sejam também visíveis o nojo, desprezo e vergonha. Apesar das diferenças entre os grupos não serem significativas, o grupo experimental apresenta maior interesse, surpresa e nojo, enquanto o grupo de controle apresenta maior alegria, desprezo e vergonha.

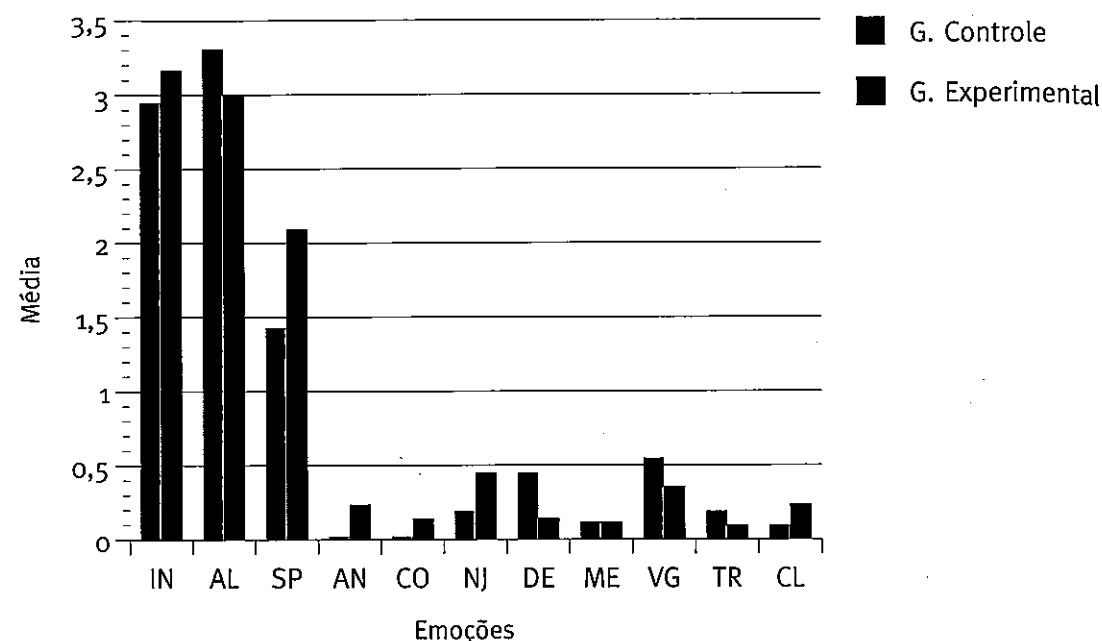
Através dos resultados obtidos é possível concluir que a hipótese formulada foi rejeitada, pois o grupo de controle e o grupo experimental apresentam a mesma resposta emocional desencadeada pelo filme agradável. Para o filme de conteúdo desagradável, efectuando uma análise de multivariância do tipo 2x11 (grupo x emoções) foi encontrado um efeito não significativo para o grupo ($F=0.529$ $P=0.878$). Considerando separadamente cada emoção (Quadro 2) não existem diferenças significativas entre os dois grupos.

Quadro 1 - Comparação de médias (e desvio-padrão) entre grupos para o filme agradável

Emoções	Controle	Experimental	F(1,82)	P	Significância
Interesse	2.952(1.378)	3.167(1.342)	0.521	0.472	NS
Alegria	3.310(1.522)	3.000(1.593)	0.829	0.365	NS
Surpresa	1.429(1.364)	2.095(1.708)	3.097	0.051	NS
Angústia	0.024(0.154)	0.238(0.726)	3.500	0.065	NS
Cólera	0.024(0.154)	0.143(0.418)	3.001	0.087	NS
Nojo	0.191(0.552)	0.452(1.018)	2.152	0.146	NS
Desprezo	0.452(1.152)	0.143(0.472)	2.596	0.111	NS
Medo	0.119(0.453)	0.119(0.633)	0.000	1.000	NS
Vergonha	0.548(1.087)	0.357(0.759)	0.867	0.354	NS
Tristeza	0.191(0.455)	0.095(0.297)	1.291	0.259	NS
Culpa	0.095(0.370)	0.238(0.791)	1.125	0.292	NS

NS - Não Significativo

Figura 1 - Comparação de médias entre grupos para o filme agradável

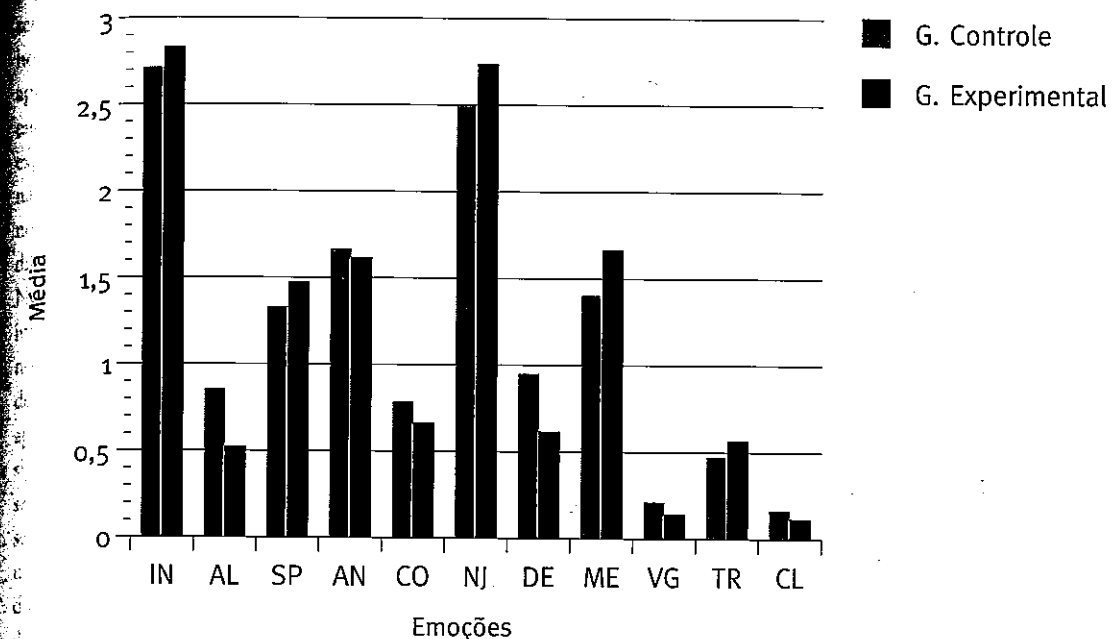


Quadro 2 - Comparação de médias (e desvio-padrão) entre grupos para o filme desagradável

Emoções	Controle	Experimental	F(1,82)	P	Significância
Interesse	2.714(1.436)	2.833(1.464)	0.142	0.708	NS
Alegria	0.857(1.160)	0.524(1.110)	1.812	0.182	NS
Surpresa	1.333(1.476)	1.476(1.486)	0.195	0.660	NS
Angústia	1.667(1.460)	1.619(1.607)	0.020	0.887	NS
Cólera	0.786(1.474)	0.667(1.097)	0.176	0.676	NS
Nojo	2.500(1.657)	2.738(1.964)	0.361	0.550	NS
Desprezo	0.952(1.577)	0.619(1.343)	1.088	0.300	NS
Medo	1.405(1.609)	1.667(1.603)	0.559	0.457	NS
Vergonha	0.214(0.606)	0.143(0.566)	0.314	0.578	NS
Tristeza	0.476(1.131)	0.571(1.252)	0.134	0.751	NS
Culpa	0.167(0.696)	0.119(0.453)	0.138	0.711	NS

NS - Não Significativo

Figura 2 - Comparação de médias entre grupos para o filme desagradável

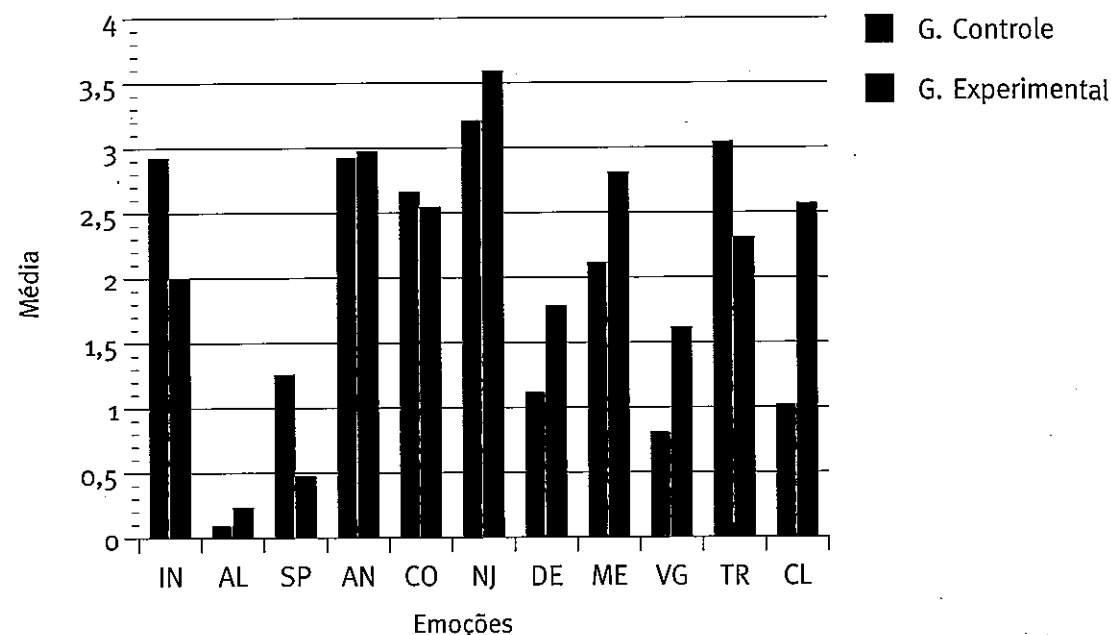


Quadro 3 - Comparação de médias (e desvio-padrão) entre grupos para o filme droga

Emoções	Controle	Experimental	F(1,82)	P	Significância
Interesse	2.929(1.659)	2.000(1.835)	5.921	0.017	*
Alegria	0.095(0.297)	0.238(0.821)	1.125	0.292	NS
Surpresa	1.262(1.515)	0.476(1.087)	7.455	0.008	**
Angústia	2.929(1.351)	2.976(1.732)	0.020	0.889	NS
Cólera	2.667(1.946)	2.548(1.783)	0.085	0.771	NS
Nojo	3.214(1.970)	3.595(1.939)	0.798	0.374	NS
Desprezo	1.119(1.533)	1.786(1.970)	2.996	0.087	NS
Medo	2.119(1.742)	2.810(2.277)	2.437	0.112	NS
Vergonha	0.810(1.435)	1.619(2.175)	4.054	0.047	*
Tristeza	3.048(1.513)	2.310(1.906)	3.863	0.053	NS
Culpa	1.024(1.538)	2.571(1.796)	17.989	0.000	***

* p < 0.05 - ** p < 0.01 - *** p < 0.001 - NS - Não Significativo

Figura 3 - Comparação de médias entre grupos para o filme droga



Analisando as respostas obtidas (Figura 2) o filme desagradável desencadeia sobretudo as emoções interesse, nojo, medo, angústia e surpresa, apesar da alegria, cólera, desprezo e tristeza apresentarem também alguma visibilidade. Embora as diferenças entre os dois grupos não sejam significativas, o grupo experimental apresenta para a maioria das emoções desencadeadas uma maior intensidade de resposta.

Através dos resultados obtidos é possível concluir que a hipótese formulada foi rejeitada, pois o grupo de controle e o grupo experimental apresentam a mesma resposta emocional desencadeada pelo filme desagradável. Para o filme sobre droga, efectuando uma análise de multivariância do tipo 2x11 (grupo x emoções) foi encontrado um efeito altamente significativo para o grupo ($F=5.266$ $P=0.000$). Considerando separadamente cada emoção (Quadro 3 e Figura 3) o filme droga desencadeia sobretudo as emoções interesse, surpresa, angústia, cólera, nojo, desprezo, medo, vergonha, tristeza e culpa, existindo diferenças entre os dois grupos. Assim, o grupo de con-

trole apresenta significativamente maior interesse e surpresa, enquanto o grupo experimental apresenta significativamente maior vergonha e sobretudo culpa.

Através dos resultados obtidos é possível concluir que a hipótese formulada foi aceite, pois o grupo de controle e o grupo experimental apresentam uma resposta emocional desencadeada pelo filme droga nitidamente diferente.

Conclusões

Através dos dados obtidos é possível ver que o grupo experimental apresenta apenas diferenças nas emoções desencadeadas quando o filme é sobre droga, sendo as suas respostas semelhantes às do grupo de controle nos restantes filmes.

Analisando estes resultados à luz dos diferentes estudos citados, é possível verificar que a ideia da droga transformar o toxicodependente num ser violento e insensível é claramente rejeitada, pois foi demonstrado que ele experimenta mais facilmente emoções negativas e que é capaz de

reconhecer em si as emoções. É disso exemplo o facto de no filme agradável o grupo experimental apresentar maior angústia, cólera, nojo e culpa, apesar das diferenças não serem significativas. Também no filme desagradável, de novo sem diferenças significativas o grupo experimental apresenta maior nojo, medo e tristeza. No filme droga encontramos também uma tendência nítida do grupo experimental em apresentar maior intensidade de resposta nas emoções negativas, experienciando maior angústia, nojo, desprezo, medo, vergonha e culpa, estas duas com diferenças significativas em relação ao grupo de controle. No que se refere às emoções positivas, salientam-se o interesse e a surpresa, que curiosamente são mais elevados no grupo experimental durante os filmes agradável e desagradável (embora com diferenças não significativas), apresentando contudo, este grupo, no filme droga, valores significativamente inferiores. Também a alegria, embora sem diferenças significativas em nenhum dos filmes, apresenta um padrão idêntico de resposta, sendo mais intensa no grupo experimental durante os filmes agradável e desagradável e menos intensa neste grupo durante o filme droga. Estes resultados parecem então confirmar os obtidos por Pervin (1988), Cannon e col. (1992) e Wills e col. (1992), aparecendo o consumo de droga associado a emoções negativas.

De acordo com a hipótese formulada, os sujeitos toxicodependentes apresentam uma resposta emocional diferente da dos sujeitos não toxicodependentes. No entanto, esta diferença não é sempre manifestada, pois ocorre apenas para o filme droga. Ou seja, se for considerada a oposição situação não significativa (filmes agradável e desagradável) e situação significativa (filme droga), as diferenças no sentir do toxicodependente existem apenas quando a situação é significativa. Nesta, o toxicodependente apresenta um padrão de resposta nitidamente diferente não só do grupo de controle como da sua resposta à situação não significativa. Assim, experiencia de forma menos intensa as emoções positivas e de forma mais nítida as emoções negativas, dentro destas as que o afastam dos outros e implicam uma viragem para o interior de si mesmo (por oposição por exemplo à cólera ou ao desprezo que implicam sair de si, sendo sobretudo sentidas em relação a um objecto exterior).

Interpretando estes resultados segundo a estrutura da personalidade em estratos, o sentir destas emoções que impli-

cam o voltar para o interior parece estar associado à lógica individualista do consumo de droga. Ou seja, se o acto de consumir droga for considerado como algo de interno e individual, provocando experiências e vivências que só o sujeito conhece, a sua personalidade pode organizar-se no sentido da viragem para o interior, afastando o sujeito do meio. No entanto esta organização não parece ser definitiva, pois o estrato afectivo do toxicodependente apresenta uma organização diferenciada consoante o significado dos estímulos desencadeadores de emoções. Assim, se estes se referem a algo que diferencia o toxicodependente dos restantes sujeitos (consumo de droga) a sua resposta é diferente. Se são referentes a algo pouco significativo e que não parece ser relevante para o toxicodependente, a sua resposta é idêntica à do grupo de controle. Contudo, os três tipos de estímulos parecem desencadear no toxicodependente uma tendência para o experienciar de estados emocionais negativos, mesmo quando os estímulos são agradáveis. Seria interessante saber se esta tendência para as emoções negativas que voltam o sujeito para o seu interior, seria anterior ao consumo de drogas, o que em caso afirmativo apoiaria a ideia da droga constituir um esforço criador de atribuição de sentido interior e de tentativa de ultrapassar uma angústia existencial mais fortemente experienciada.

Perante os dados obtidos parece ser importante realçar o momento (em relação à história do consumo de drogas) durante o qual os dados foram recolhidos. Assim, encontrando-se os sujeitos em processo de desintoxicação, o facto de referirem maior vergonha e culpa pode traduzir um efeito de desejabilidade social, estando o discurso do sujeito conotado com a representação social dominante associada à desintoxicação. Ou seja, o toxicodependente durante este processo pode ter vantagem em se apresentar como arrependido (traduzindo-se o arrependimento em vergonha e culpa) por tudo o que fez a si e/ou à sua família. No entanto esta interpretação parece poder ser rejeitada, pois através quer do discurso espontâneo apresentado pelos sujeitos, quer dos dados obtidos para as cognições (alvo de uma análise separada a ser apresentada num outro contexto) foi possível verificar uma tendência acentuada e mais global para o enfatizar de aspectos negativos, traduzida quer no estado emocional quer nas cognições. Além disso, as cognições aparecem fortemente associadas a estados emocionais, o que poderia ser

interpretado como um predomínio do estrato afectivo, traduzindo então uma diferente organização da personalidade. Se forem considerados os resultados dos estudos sobre a neuroquímica das emoções e das drogas, a droga teria como consequência aumentar o poder não apenas do estrato neuropsicológico, mas também do estrato afectivo, modificando de forma acentuada a atribuição de significado na interacção entre sujeito e meio e hipervalorizando tudo o que se relacione com a droga. Em suma, os resultados obtidos sugerem uma organização diferente da personalidade do toxicodependente, traduzida numa tendência para o experienciar de emoções negativas, sendo contudo esta organização mediada pelo significado atribuído à situação desencadeadora.

Por fim, é possível também utilizar os resultados obtidos numa perspectiva de intervenção, pois durante a recolha de dados foi constatado que após a apresentação do filme droga os toxicodependentes espontaneamente falavam da sua situação, parecendo o filme funcionar como um desbloqueador da situação, facilitando a interacção com o toxicodependente. ■

Cristina Queirós

*Assistente da FPCE da Universidade do Porto
e investigadora do Centro de Ciências do Comportamento
Desviante da mesma Faculdade*

B I B L I O G R A F I A

ADLAF, E. (1986), *Self-reported cocaine reactions among social-recreational users: a factor analytic study*. Drug and Alcohol Dependence, vol 18, nº2, 203-212.

AGRA, C. (1982a), *Desviância juvenil e toxicomania: um analisador epistémico*. Análise Psicológica. Vol II, nº 4, 529-545.

AGRA, C. (1982b), *A toxicomania: desordens bioquímicas e ordem social*. Psicologia. Vol. III, nº 3/4, 71-88.

AGRA, C. (1986a), *Adolescência, comportamento desviante e auto-organizado: modelo da Psicologia Epistemanalítica*. Cadernos de Consulta Psicológica. nº 2, 81-87.

AGRA, C. (1986b), *Science, maladie mentale et dispositifs de l'enfance, du paradigme biologique au paradigme systemique*. Lisboa : INIC.

AGRA, C. (1990), *Sujet autopoïétique et transgression*. In P. Mardaga (ed.) Acteur social et délinquance - une grille de lecture du système de justice pénale. Liège : Pierre Mardaga, pp. 415-426.

AGRA, C. (1991), *Sujet autopoïétique et toxicodépendance*. Centre International de Criminologie Comparée, Université de Montréal. (policopiado).

AGRA, C. (1993), *Dizer a droga, ouvir as drogas*. Porto: Radicário.

AGRA, C. (1995a), *Da rapsódia à sinfonia: sentido para a composição de um sistema de pensamento na área das drogas*. Toxicodependências. Vol. 1, nº1, 26-32.

AGRA, C. (1995b), *Da rapsódia à sinfonia: Epistema*. Toxicodependências. Vol. 1, nº3, 47-58.

ALMEIDA, F. (1996), *Algumas notas sobre a neurobiologia das emoções*. Toxicodependências. Ano 2, nº2, 49-56.

CANNON, D., RUBIN, A., KEEFE, C., BLACK, J. et al. (1992), *Affective correlates of alcohol and cocaine use*. Addictive Behaviors, vol. 17, nº6, 517-524.

COOKE, D., BALDWIN, P. & HOWISON, J. (1990), *Psychology in prisons*. London : Routledge.

DAMASIO, A. (1995), *O erro de Descartes, emoção, razão e cérebro humano*. Lisboa : Publicações Europa-América.

ESCOHOTADO, A. (1989), *Historia de las drogas*, Vol 1. Madrid : Alianza Editorial.

GERRARDS-HESSE, A., SPIES, K. & HESSE, F. (1994), *Experimental inductions of emotional states and their effectiveness: a review*. British Journal of Psychology, vol 85, nº1, 55-78.

HESSE, F., SPIES, K., HANZE, M. & GERRARDS, A. (1992), *Experimental induction of moods states: alternatives to the Velten method*. Zeitschrift fur Experimentelle und Angewandte Psychologie, vol 39, nº4 559-580.

HETTEMA, J. (1994), *Psychophysiological assessment of personality using films as stimuli*. Personality and Individual Differences, Vol 16, 167-178.

HUBERT, W. & JONG-MEYER, R. (1991), *Autonomic, neuroendocrine and subjective responses to emotion-inducing film stimuli*. International Journal of Psychophysiology, vol. 11, 131-140.

HUBERT, W., MOLLER, M. & JONG-MEYER, R. (1993), *Film-induced amusement changes in saliva cortisol levels*. Psychoneuroendocrinology, vol. 18, nº4, 265-272.

IZARD, C. (1991), *The psychology of emotions*. New York: Plenum Press.

IZARD, C. (1993), *Four systems for emotion activation: cognitive and noncognitive processes*. Psychological Review, vol 100, nº1, 68-90.

IZARD, C. & BUECHLER, S. (1980), *Aspects of consciousness and personality in terms of differential emotions theory*. In R. Plutchik e H. Kellerman (eds), Emotion, theory, research and experience, vol. 1: theories of emotion. Boston : Academic Press Inc, pp. 165-187.

KARLI, P. (1990), *Acteur social et régulation biologique*. In P. Mardaga (ed.) *Acteur social et délinquance - une grille de lecture du système de justice pénale*. Liège: Pierre Mardaga, pp. 37-54.

LACKS, H. & LEONARD, C. (1986), *Fear of feeling: addressing the emotional process during recovery*. *Alcoholism Treatment Quarterly*, vol. 3, nº3, 69-80.

LEGARDA, J., BRADLEY, B. & SARTORY, G. (1990), *Effects of drug-related cues in current and former opiate users*. *Journal of Psychophysiology*, vol. 4, nº1, 25-31.

LUBIN, B. & TURNBULL, C. (1993), *Measuring depressive affect in chemically dependent persons using the Depression Adjective Check Lists*. *Psychological Reports*, vol. 72, nº1, 251-257.

MILLER, M. & POTTER-EFRON, R. (1989), *Aggression and violence associated with substance*. *Journal of Chemical Dependency Treatment*, vol. 3, nº1, 1-36.

PERVIN, L. (1988), *Affect and addiction*. *Addictive Behaviors*, vol. 13, nº1, 83-86.

SCHREIBER, K. (1992), *The adolescent crack dealer: a failure in the development of empathy*. *Journal of the American Academy of Psychoanalysis*, vol. 20, nº2, 241-249.

SCHWARTZ, G. (1986), *Emotion and Psychophysiological organization: a systems approach*. In M. Coles, E. Donchin, S. Porges (eds), *Psychophysiology, systems, processes and applications*. New York: Guilford Press, pp. 354-377.

SHERMAN, J., ZINSER, M., SIDEROFF, S. & BAKER, T. (1989), *Subjective dimensions of heroin urges: influence of heroin-related and affectively negative stimuli*. *Addictive Behaviors*, vol. 14, nº6, 611-623.

SMITH, T., KOOB, J. & WIRTZ, T. (1985), *Ecology of adolescents' marijuana abuse*. *International Journal of Addictions*, vol. 20, nº9, 1421-1428.

STRONGMAN, K. (1987), *The Psychology of emotion*. Chichester: John Wiley & Sons, 3ª edição.

TOMKINS, S. (1980), *Affect as amplification: some modifications in theory*. In R. Plutchik e H. Kellerman (eds), *Emotion, theory, research and experience*, vol. 1: theories of emotion. Boston: Academic Press Inc, pp. 141-164.

WILLS, T., VACCARO, D. & MCNAMARA, G. (1992), *The role of life events, family support and competence in adolescent substance use: a test of vulnerability and protective factors*. *American Journal of Community Psychology*, vol. 20, nº3, 349-374.

